

# Sumário

1

2

3

4

5

6

Postscriptum

*Créditos das imagens*

*Sobre a autora*

*Crédito*

O ÚNICO TEXTO EXPLICITAMENTE feminista que escrevi foi publicado há mais de quarenta anos, numa revista do México, meu país. A revista se chamava *fem* e foi, ao longo de quase três décadas, o ponto de convergência de boa parte do feminismo mexicano. Meu artigo, escrito em colaboração com uma amiga, era uma denúncia apaixonada dos infames quadrinhos para homens que, na época, eram vendidos nas bancas do país, cheios de desenhos grosseiros, ilustrando fantasias recorrentes de estupro e enganação. Não era raro que as protagonistas acabassem mortas, arreganhadas no meio de uma poça de sangue, com um tiro no peito. Arreganhadas com vários ferimentos de faca. Arreganhadas depois de um suicídio com barbitúricos. Sempre arreganhadas e com a entreperna da calcinha olhando para o leitor.

Eram folhetos impressos com tinta barata em papel ordinário e alimentavam algo que parecia ser a fome insaciável de muitos homens mexicanos de ver as mulheres — sempre de carnes fartas, quase sempre desenhadas com as nádegas proeminentes voltadas para o leitor — em situações de humilhação. Havia bancas especializadas na venda de números atrasados dessas revistinhas, e mesmo nas bancas mais bem providas, que vendiam revistas de política, variedades e até literatura, elas sempre ocupavam um lugar de destaque. Eu não podia vê-las sem me sentir agredida e, sentindo-me agredida, furiosa. Desde a

adolescência suporrei calada a bolinação diária, as mãos na bunda, os beliscões, os assédios, as insinuações que tantos homens da Cidade do México se sentem na obrigação de propiciar às mulheres que dividem o espaço público com eles. Não tenho à mão o texto que escrevemos, minha amiga e eu, mas sei que, mais que um ensaio ou uma denúncia, era um ataque envenenado, uma espécie de vingança.

Hoje, recordando aquele texto, percebo que teria ficado melhor se eu pudesse contar com algum fundamento teórico ou histórico de feminismo para dar um pouco mais de contexto a tanta raiva. Como não tenho estudos universitários e sou muito pouco afeita ao pensamento abstrato, o que minha amiga e eu escrevemos era certamente muito ingênuo e simples. Mas era também um texto sincero. E, sim, furioso, à altura da realidade. Não sei quanto à minha amiga, mas depois de vê-lo publicado o que senti não foi tanto a alegria de uma autora estreante, mas uma certa calma, como a que uma mulher agredida talvez sinta ao esvaziar a pistola em seu agressor. Talvez tudo o que escrevi ao longo dos anos tenha alguma coisa de desafio e de vingança, não sei. Devo dizer que escrevi aquele texto não como feminista, mas como mulher ofendida. Ou será que para se reconhecer como feminista é preciso começar reconhecendo um dano pessoal próprio?

Minhas leituras de teoria feminista são todas daquela época, entre os vinte e trinta anos. Mas foram poucas, na verdade, e pela razão acima: a teoria me custa muito esforço. Além de *O segundo sexo*, de Simone de Beauvoir, li os livros e artigos das autoras que causavam maior rebuliço naqueles anos iniciais daquilo que se convencionou chamar de movimento de libertação das mulheres: Andrea Dworkin, Betty Friedan,

Gloria Steinem, a australiana Germaine Greer. Toda autobiografia é um romance — não podemos confiar jamais na memória —, mas me lembro de ler essas autoras como se fosse de viés, ao acaso e com um certo sentimento de culpa.

Eu vivia mergulhada na espuma da revolução socialista. Era a época das ditaduras e das guerrilhas na América Latina; a aventura e o romance da epopeia revolucionária eram o que realmente me interessava, embora, sem que isso fosse dito abertamente, a revolução fosse concebida como tarefa de homem. O feminismo estava no ar nas universidades e nos meios de comunicação, primeiro como brisa, logo como furacão, mas quem viveu essa época há de lembrar que os revolucionários desconfiavam profundamente da insurreição das mulheres, e a desaprovação deles me inibia. Ouvíamos a marcha composta por um cantor e compositor mexicano, José de Molina, que exortava: “A parir, mães latinas! A parir mais guerrilheiros!”, e embora essa exaltação da mulher como máquina reprodutiva me parecesse repulsiva, só muitos anos depois fui ter a autoridade moral necessária para admitir isso a mim mesma. Na época em que a canção foi lançada, se alguma mulher protestava nos grupos de estudo contra o insidioso sexismo de nossos debates — “Companheiros, a palavra sempre é dada primeiro aos homens e nós, mulheres, somos sempre interrompidas!”; “Por que não podemos falar sobre o aborto?”; “Precisamos incluir a questão da discriminação de gênero na lista de reivindicações trabalhistas!” —, os companheiros ouviam com espírito democrático e até faziam autocrítica, mas lá pela quarta ou quinta reclamação das companheiras, lutando para esconder a irritação, eles se escudavam atrás

desta contrapergunta intransponível: “Companheiras! O que é mais importante: a Revolução ou os problemas das mulheres?”.

Que pergunta estúpida, não é mesmo? Pois eu a considerava com toda a seriedade.

Continuei a questionar se o erro estava no machismo deles ou em nossos desvios pequeno-burgueses, mas, enquanto isso, escritoras como Germaine Greer reiteravam que nosso corpo é um corpo encarcerado pelo patriarcado, que nosso prazer sexual é *nosso*, não deles, e os milhares de publicações feministas nessas décadas não se cansavam de repetir que discutir sobre quem deve limpar a privada ou fazer a cama é discutir sobre ordens de hierarquia e poder. Essa imensa descoberta resumiu-se numa frase tão famosa que ninguém sabe quem a escreveu pela primeira vez: *o pessoal é político*. Tornou-se uma verdade tão inegável que pouco a pouco foi penetrando até nos círculos de estudos marxistas e nas demais conversas revolucionárias.

Mas se para mim, fervorosa pró-revolucionária, parecia uma honra que um guerrilheiro desejasse ir para a cama comigo, por que discutir sobre patriarcados?

Essa era a minha relação com as teorias marxista e feminista. Como se houvesse um Papai Marx com uma esposa insubordinada e feroz chamada Mamãe Feminista. E o pobre Papai Marx balançava a cabeça com tristeza, tentando reconduzir Mamãe Feminista à razão, mas ela ria na sua cara e ia para a cama com uma qualquer, claro, pois todos sabiam que, no fundo, todas as rebeldes éramos — e aqui está o insulto — lésbicas enrustidas.

Mamãe Feminista: uma louca.

Mas eu queria que meu pai me amasse e tentava fazer com que Papai Marx não tivesse nenhum motivo de desgosto.

No entanto, desde a adolescência, cresci avessa à submissão, como os gatos à disciplina. Para desespero de meu pai e meu mesmo, eu não aceitava ordens, nem hora para chegar em casa, nem pente para ajeitar o cabelo. Ele gritava que eu era uma cabrita, indisciplinada, desobediente, igualzinha à minha mãe! E eu pensava como ficaria feliz se pudesse ser igualzinha a minhas primas e usar saltos altos, ir à manicure e arranjar um namorado com carro, em vez de andar por aí em companhia de pintores bêbados e brigões. Mas não teve jeito, segui assim por toda a vida, despenteada e atormentada por viver numa época em que não saber como ser uma mulherzinha significava ofender a ordem social.

Perceberam a contradição, companheiras? Eu era rebelde por natureza, mas não dispunha das armas para assumir a rebeldia. E, portanto, sofria.

Mal equipada para os conflitos, nunca consegui levar a bom termo o tortuoso processo de discussão numa relação amorosa. *Por que você larga sua roupa no chão? Por que sou eu quem tem que fazer o jantar? Não, a decisão do lugar onde vamos morar não é só sua. Não, você não pode ficar aí calado enquanto eu reclamo de seu silêncio.* Não estou dizendo que esses protestos me certificam como feminista. Digo simplesmente que nunca fui capaz de negociar, no terreno doméstico, os conflitos que ocorreram nas guerras de poder entre os sexos a partir do feminismo (*o pessoal é político*). Tampouco consegui sobreviver com o reduzido oxigênio emocional que o machismo permitia aos homens mexicanos da minha geração. Do jeito como sou ruim de briga, muitas vezes acabei tirando a

roupa do armário às pressas, enfiando numa mala e chamando um táxi. Há casais que brigam mais e são mais felizes, porque sabem dizer o que sentem e o que querem. Nunca tive esse talento e não sei — sinceramente não sei — se essa falta é devida apenas ao condicionamento de gênero, mas que tem alguma coisa a ver, tem.

Fui feminista ou não? Sendo escritora não escrevi nenhum texto feminista, salvo aquele primeiro artigo sobre os quadrinhos. Não vou a congressos — e não importa que, em geral, não frequente reuniões políticas de nenhum outro tipo e que não seja militante de nada; importa que não participei e certamente nunca participarei de uma reunião feminista. Parei de ler sobre a opressão de gênero há décadas e, embora sempre tenha dado como certo que minhas ideias sobre o que é ser mulher coincidem perfeitamente com o feminismo, nunca declarei diante de mim mesma, e menos ainda diante dos outros, que *sou feminista*. Mas devo observar, sim, que ao longo da vida nunca dei rasteira em nenhuma colega — nem em nenhum colega — para obter uma reportagem ou entrevista, não joguei charme para conseguir favores, não usei a maquiagem como máscara para enfrentar o mundo, não casei só para não ficar sozinha, nem fugi de um desafio porque um certo trabalho ou estado civil ou esforço “não corresponde às mulheres”, não me deixei vencer pelo medo de ser diferente das demais; se em meus textos a voz protagonista foi muitas vezes a das mulheres, e se me cerquei de colaboradoras e/ou colaboradores sem que nunca me ocorresse que um homem é certamente mais (ou menos) capaz para este ou aquele ofício, suponho que seja porque assimilei daquela que é

verdadeiramente a maior revolução dos nossos tempos o que poderíamos chamar de *ética feminista*.

Tentarei definir essa ética mais adiante. Por ora, ainda tenho algo a esclarecer: este ensaio, este esforço para entender meu próprio pensamento, surgiu indiretamente de uma conversa pública num festival literário com uma reconhecida escritora, que é, ao mesmo tempo, uma grande impulsionadora do feminismo.

Não que isso importe agora, mas para deixar tudo claro observo que me preparei cuidadosamente para a conversa que teria com a excelente romancista: li (com alegria) as suas obras completas e pensei em perguntas que a fizessem falar de sua história, de si mesma, de seus processos de criação. Como escritora que sou, sei do íntimo sofrimento provocado por ter de enfrentar, em nossas obrigatórias entrevistas, não somente a tortura infinita das fotos, mas também as perguntas formuladas por pessoas que claramente não leram nenhum de nossos textos. De modo que li todos os seus romances, seus contos e também dois breves textos de sua autoria sobre feminismo. No dia da apresentação, fiquei sabendo que esses dois textos vendem, na América Latina e na Espanha, dez vezes mais que todos os seus romances juntos. Pensei comigo mesma: pois vamos falar de seus livros e ver se vendemos mais alguns.

A conversa provocou protestos: não contra ela, mas contra mim. Não foi inteiramente minha culpa: havia tanta gente querendo entrar no teatro que começamos com quinze minutos de atraso e, dentro da hora reservada para nós, a autora teria de fazer também uma miniconferência de vinte minutos sobre um outro autor. Como os horários dos



auditórios são sempre estritos, acabamos com apenas 25 minutos para a conversa. Para completar, eu tinha um voo marcado imediatamente depois do encontro e devido ao atraso estava ficando tarde. Fato é que me criticaram por ter levado a conversa para o lado da literatura e não da situação das mulheres. Eu poderia dizer que foi falta de tempo e não uma decisão minha, mas quero botar tudo em pratos limpos: se tivesse uma hora inteira, eu teria levado a conversa para o tema do feminismo? Talvez não. Tinha muito mais interesse em perguntar à escritora sobre a relação, nos romances, de suas protagonistas com os homens, entre outras coisas. Também não tenho certeza de que a romancista preferia falar sobre feminismo: o que nós, os escritores, queremos é falar de nossos livros. Ou para ser mais precisa: o que queremos é ouvir com gosto alguém que elogia nossa obra diante de um público imenso. Isso sim é prazer — que sexo que nada!

Mas acabei fugindo do assunto só para não perder a piadinha fácil. Volto à pergunta: as feministas têm obrigação de fazer do feminismo sua preocupação prioritária? E, se não prioritária, pelo menos explícita? Creio que deve ser uma boa pergunta, mas não sei a resposta. Tenho, no entanto, algumas ideias que caberão mais adiante no tema da ética. Fato é que um importante contingente de mulheres saiu muito aborrecido comigo da entrevista e expressou sua raiva nas redes sociais. Questionavam o fato de uma senhora como eu, que não sabia nada de feminismo, ter sido escolhida para entrevistar a autora dos textos feministas que — com razão — significavam tanto para elas.

Como não participo de nenhuma rede social — deveria explicar o porquê, mas não é o momento —, não fiquei sabendo do protesto até

bem depois. Foi a minha vez de ficar com raiva, mas logo me acalmei. E, quando me acalmei, comecei a me questionar. Por que falhou a minha comunicação com um grupo de mulheres cujas vidas e lutas sempre tiveram tanta importância para mim? Será que na verdade sou antifeminista? Ora, claro que não! Mas será que sou feminista? O que quer dizer ser feminista? Como é uma feminista no mundo de hoje, em nossos países aqui do Sul, em nossa situação?

Assim, ruminando a pergunta enquanto lavava a louça do café da manhã ou fazia exercício, ou assistia distraída a algum filme, comecei a pensar. E como não sei pensar sem escrever, foram saindo estas páginas, que ofereço às mulheres que eu nunca quis ofender e às outras — espero que sejam a maioria — que, sem raiva de mim, simplesmente desejam ler um texto sobre a maior revolução que ocorreu desde que, em algum passado remoto, uma metade da humanidade foi submetida pela outra metade.

QUANDO JOVEM, em Nova York, posei nua algumas vezes para um fotógrafo pelo valor padrão da época, sete dólares a hora, soma que me garantia as passagens da semana. As sessões no apartamento do fotógrafo, com sua mulher preparando o jantar ao lado do estúdio onde trabalhávamos, foram sempre respeitosas, num tom tradicional: o artista e sua modelo, o ofício de captar a beleza do corpo feminino, de estudar o corpo humano em movimento etc. Sempre fui insegura, cheia de pudor, e pensei que o incômodo que sentia depois das sessões de modelagem era provocado por esse pudor, e que as amigas que também complementavam seus poucos recursos posando para aulas de desenho ou fotografia certamente faziam isso de modo mais despachado e inclusive zombando. Mas percebo agora um aspecto do meu incômodo que não tinha a ver com insegurança, e sim com uma observação: por que éramos sempre nós, as mulheres, que posávamos? *Onde estavam os homens, cacete?*

Sim, eu sei: os homens também posavam, mas muito menos. Tenho de explicar a diferença? Que os homens que posavam não tinham passado a vida, ou uma adolescência mexicana como a minha, constantemente despidos pelo olhar dos homens ou ofendidos pela mão

na bunda de um passante qualquer ou apavorados com a mão apressada que algum anônimo enfiava embaixo de nossa saia quando descíamos do ônibus?

Vejam esta foto tirada na Cidade do México nos anos 1950.



Na época, a imagem do grande fotógrafo Nacho López era vista como uma prova de como a beleza feminina pode ser irresistível. A modelo tinha dezessete anos quando López pediu que percorresse uma calçada da Cidade do México e foi retratando seu passeio sem que ela percebesse. A primeira coisa que me chama a atenção é como devia ser apertada a cinta que ela usava para ter uma cinturinha daquelas. Será que conseguia respirar direito? Será que todas as cantadas que ouviu eram elogiosas? Ou seriam os insultos e insinuações infames que

conheço tão bem? Se cantadas e assobios fossem substituídos pela agressão física, será que, com uma cinta assim, ela teria fôlego para fugir? Será que a foto não é tão grave assim porque a mulher que caminha é defendida por sua beleza? Será que, apesar de linda, ela se sentia imperfeita e, sendo imperfeita, feia, e, sendo feia, submissa? Quando saía à rua, sentia-se assediada? Ou feliz por ser tão admirada? Afinal, em que ponto se abre o abismo entre a admiração e o assédio?

Tenho certeza das respostas? Não. Tenho certeza das perguntas.

É que as coisas mudaram muito! Graças ao feminismo, o desequilíbrio entre o poder dos homens e o poder das mulheres mudou tanto, nós aprendemos tanto, somos tão menos submissas que tudo, tudo, precisa ser examinado de novo. Desde a arte do Renascimento até os filmes mais inocentes de Marilyn Monroe.

O quadro de Guido Reni — um entre as dezenas pintadas há quase quatro séculos com o mesmo tema — pretende ilustrar um episódio bíblico: a casta Susana descobre que está sendo espiada por dois velhos safados enquanto se banha. Sob o pretexto do tema religioso, o refinado pintor apresenta uma mulher voluptuosamente nua, e o poderoso comprador do quadro obtém a licença para, antes da invenção dos vídeos pornô, regozijar-se em seus aposentos espiando-a. Mas os velhotes iriam se contentar apenas em olhar? Aquele que faz um gesto de manter silêncio não teria antes a intenção de violentá-la? E será que o quadro não permite que o comprador também desfrute de uma bíblica e excitante fantasia de estupro?

*image  
not  
available*

sinto atarracada (em relação a quem? Por que é melhor ser alta?); sem cílios postiços tenho olhos de sapo; com a cinta a roupa cai melhor porque estou muito gorda. Eu também, claro, corro para o estojo de maquiagem para ficar “melhor”. Talvez esteja escondida no estojo a voz dos homens que nesta altura dos fatos ainda dizem que as mulheres que não usam maquiagem e não pintam os cabelos são feias ou descuidadas e certamente malcomidas (ou será que nunca ouviram essa expressão tão sedutora?).

Acho que não dizem isso porque uma mulher com nádegas postiças é mais apetitosa que uma mulher não siliconada, mas porque têm medo de que a gente se liberte do olhar deles.

NÓS, SERES HUMANOS, nos distinguimos dos outros mamíferos por gostarmos de adornos pessoais. Na Europa, no século XVI, eram os homens que usavam saltos altos, maquiagem e perucas. E, além disso, uma vez por ano, em todas as culturas humanas, há a explosão de um Carnaval (quase sempre na primavera), quando os homens podem se transformar em arlequins ou deuses ou mulheres; as mulheres podem ser tigres, prostitutas ou deusas, e todes se entregam à fantasia de serem *outros* com uma intensidade calorenta e alegre que permite tudo. Nesses dias carnavalescos, lantejoulas são diamantes, farrapos transformam-se no mais fino veludo, os homens caminham com os pés enfiados em sapatos de salto tão alto que parecem pernas de pau e a maquiagem dá asas não apenas à nossa beleza interior, como também a nossos monstros e medos. Mas não é dessa caravana festiva que quero tratar, e sim da obsessão de ser tão bonita quanto as outras, com ênfase no *tão*.

*image  
not  
available*



os saltos, a moderna depilação genital, as dietas martirizantes, as cintas que são um tormento: a moda, a dor e o controle andam sempre de mãos dadas.

PERCEBO QUE NÃO CONSEGUI contribuir em nada para a solução de um terrível dilema: como conciliar o desejo de sermos mulheres fisicamente livres com o desejo de sermos desejadas.

*image  
not  
available*

aquilo que se conhecia alegremente como matrimônio (com o qual em grande parte da Europa e até meados do século XIX a mulher era vítima do que se chamou de “morte legal”, pois ao casar perdia, diante da lei, todos os seus direitos individuais). Beauvoir repassa a pena capital para as mulheres adúlteras, as fogueiras em que arderam tantas mulheres suspeitas de bruxaria, o confinamento perpétuo das freiras enclausuradas, a vergonha que cobria as que deixavam de ser virgens antes do casamento, os haréns cheios de mulheres aprisionadas e escravizadas, o terror que esperava (e que em certas partes do mundo ainda espera) as mulheres que foram parte compulsória de um butim de guerra... Enfim, uma história de horror e opressão que Beauvoir percorre até 1949, ano em que seu livro foi publicado.

Essa é apenas a primeira parte. Na segunda, ela fala sobretudo de sua ideia central: não sabemos como é ser mulher, pois até o dia de hoje nós mulheres temos sido pacientemente fabricadas, restrição por restrição, século a século, pela cultura patriarcal, tal como foi transmitida por nossos pais, pela escola, pelo sistema legal e pelos homens que, conforme nos ensinam, devemos *conquistar*.

Apesar de tudo o que Beauvoir pensou e entendeu acerca dessa construção social que aceitamos sob o termo “mulher” (sua frase mais conhecida reza: “Não se nasce mulher, torna-se mulher”), ela continuou a conceber-se antes de mais nada como socialista. Foi apenas em 1975 que decidiu que o socialismo não bastava para acabar com a desigualdade entre os sexos e declarou-se, pela primeira vez, feminista, entendendo que ser feminista é colocar todos os valores éticos de ponta-cabeça, inclusive os do socialismo.

*image  
not  
available*

Pois essas mulheres reuniram-se em Nova York para exigir uma série de reformas, principalmente o direito ao voto, mas também o fim dos “abusos e usurpações” destinados a “destruir a confiança de uma mulher em seus próprios poderes, diminuir o autorrespeito e torná-la disposta a levar uma vida dependente e abjeta”. \*

A moção a favor do sufrágio não obteve votos suficientes, mas ao longo de 72 anos de protestos, marchas e prisões a luta continuou, repetindo-se uma e outra vez e em número cada vez maior de países. As *sufragistas* aprenderam a jogar pedras na polícia para serem presas, pois sabiam que com isso ganhariam simpatizantes. Aprenderam a gritar. Insistiram com tenacidade e, ao cabo de algo que podemos calcular como, sei lá, uns 150 mil anos — ou seriam quarenta séculos? Ou seis mil anos? — nos quais as mulheres não tiveram voz pública ou livre-arbítrio, as *sufragistas* venceram. O direito de voto foi concedido na Austrália em 1902, na Finlândia em 1906, nos Estados Unidos em 1920, no México em 1953 e na Colômbia em 1957 (acabei de descobrir pela Wikipédia que, em Vélez, na época uma província da República de Nova Granada, o direito ao voto foi concedido em 1853 a *homens e mulheres* livres, mas logo em seguida a Suprema Corte anulou o direito de voto para as mulheres). No Brasil, as mulheres conquistaram o direito de voto em 1932, através de um decreto de Getúlio Vargas.

*image  
not  
available*

momento em que exijo que identifiquem também os católicos como “dona de casa católica”, “industrial católico” ou “banqueiro católico”. E tampouco percebem que escrever “pesquisador de olhos azuis” ou “pesquisadora que não tem um dedo do pé”, por exemplo, não é a mesma coisa que escrever “pesquisador judeu”. Os primeiros são bobagens, pois a informação é irrelevante. O segundo não é apenas irrelevante: é indício de como a nossa infecção racista está introjetada. De modo que acabei de escrever “Rosenkranz, um pesquisador húngaro, judeu” não para perpetuar um crime milenar, mas para poder recordar que, entre 1942 e 1945, não menos de 5 milhões de homens, mulheres e crianças foram assassinados na Europa porque alguém, ao mencionar seus nomes, acrescentou o adjetivo “judeu”.

Mas, como eu ia dizendo, Rosenkranz fugiu da Europa e acabou refugiando-se no México, onde começou a trabalhar como diretor de pesquisa de um laboratório médico nacional, Syntex. Assim como Colombo, que, buscando uma rota para a China e a Índia, topou com as ilhas Bahamas e Cuba, Rosenkranz começou pesquisando um tratamento contra infertilidade e abortos espontâneos e topou com a progesterona. Desde os anos 1940, sabia-se que a progesterona, que é um hormônio, inibia a ovulação, mas era tão cara que sua produção não era viável na prática. Nos anos 1950, outro pesquisador da Syntex começou a extrair progesterona de um inhame de aspecto estranhíssimo, *Dioscorea mexicana*, nativo do México. Logo depois, Rosenkranz chegou para se encarregar do departamento de pesquisa da companhia e, no percurso da pesquisa por uma alternativa mais econômica que a *Dioscorea*, inventou a cortisona sintética, além de patentear várias outras descobertas valiosas. Finalmente, junto com sua equipe, que incluía o jovem assistente mexicano Luis Ernesto Miramontes e o também refugiado de guerra Carl Djerassi, ele aperfeiçoou a síntese da progesterona.

*image  
not  
available*



qualquer coisa para não ter filhos. Mas quando cheguei à vida independente a pílula já existia. Foi a minha salvação.

Não é fácil dizer isso. Em nossos países, as mulheres que nunca brincaram de boneca na infância e nunca quiseram ter filhos na juventude não contam com a complacência pública se resolvem declarar isso. O taxista que me pergunta se já tenho netinhos e a mulher que espera comigo na antessala do consultório e pergunta se meus filhos estão no México fazem a mesma cara quando respondo que não tenho filhos. Alguns pensam “coitadinha!”, outros dizem isso em voz alta, pois as mulheres que escolhem a mesma liberdade que é outorgada sem questionamentos aos homens são vistas como bruxas, freiras, frígidas, antissociais, misantropas ou simplesmente *estranhas*. Na América Latina, viver a mesma vida andarilha e feliz que os homens não é um direito aceitável, mas pelos menos, e graças à pílula, é uma realidade. Pincus merece uma estátua.

*image  
not  
available*



*image  
not  
available*

melhores, mais prósperos, mais bem-sucedidos que ele e que não tenham medo dele. E seus amigos e irmãos sonham o mesmo.

Há não mais de duas gerações, os pobres do meu país — que de modo nenhum eram exceção na América Latina — temiam ser humilhados pelos filhos que conquistassem uma prosperidade que eles haviam sido impedidos de conquistar. Não podiam se dar ao luxo de abraçar ou acarinhar os filhos, de mergulhar o nariz no pescoço gorducho de um bebê e respirar o cheirinho de leite e talco — isso era coisa de mulher. Não podiam reconhecer que tinham cometido um erro e pedir perdão por isso. Não podiam falar de seus medos nem dar qualquer mostra de fraqueza. A bebedeira agressiva, quando a língua enrolava, era fruto desse pavor. Estou me referindo aos pobres, que despejavam integralmente sobre as mulheres as grandes injustiças que sofriam (*E não é pra isso que elas estão aí?*). Mas também haveria muita coisa a dizer dos ricos. O machismo existe independentemente da estrutura de classes; manifesta-se de maneira diversa nas várias classes sociais, mas é universal.

EXISTE UM TIPO DE ATIVISTA que não consegue reconhecer nenhuma resposta positiva às reivindicações de sua luta. Acho que, no fundo, teme que qualquer melhora possa arrefecer o ardor de seu compromisso com a causa. Conteí a história de Jacinto e Delia porque é importante saber reconhecer quando as coisas mudam para melhor. Eu não saberia enumerar todas as razões da mudança sísmica dos últimos vinte ou trinta anos na cultura do machismo: poderia nomear o acesso à educação para meninas e meninos, e o acesso das jovens ao controle da

*image  
not  
available*

como pessoas e cuja falta, no entanto, sentem a ponto de chorar. Não sei, talvez as matem para deixar de sentir falta delas. Ou porque as mulheres costumam ser fontes de ternura e para fazer a guerra é preciso extirpar justamente esse impulso.

Segundo a extraordinária curadoria da exposição “A testemunha”, de Jesús Abad Colorado, as guerras da Colômbia vitimaram quase 14 mil meninas, adolescentes e mulheres que sofreram violência sexual no contexto do conflito armado, de 1980 a 2017. Isso não inclui o sem-número de meninas violentadas por parentes ou pessoas próximas, de mulheres estupradas e assassinadas pelo marido, pelo chefe ou por um desconhecido, de adolescentes sequestradas para a prostituição ou vendidas pela própria família a algum explorador. Todas elas são vítimas de uma visão da sexualidade transmitida ao longo de milênios, na qual o homem é súdito de seu próprio pênis e a mulher, sua escrava e seu tormento.

O MACHISMO É UMA DOENÇA que se sofre no nível pessoal: um indivíduo deformado, deturpado pelo mal, exercendo violência contra outros seres humanos que têm um aparelho reprodutivo diverso do seu. Outra coisa é o patriarcado, um sistema completo, onipresente, inescapável no mundo inteiro, paralelo aos sistemas econômicos e de governo do mundo e a qualquer estrutura de poder, dos quais é também fundamento. Criadas pelos homens desde tempos imemoriais, as diferentes formas de patriarcado que se desenvolveram em cada cultura foram se desmantelando pouco a pouco, embora os homens do poder tratem de vedar rapidamente as frestas e reforçar os telhados quando o